

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDEO NUNES DE BARROS
CURSO DE HISTÓRIA

IGOR HENRIQUE PEREIRA DE SOUSA

O MUSEU OZILDO ALBANO:

Um espaço de práticas educativas, de 1999 a 2018.

PICOS-PI
2019

IGOR HENRIQUE PEREIRA DE SOUSA

O MUSEU OZILDO ALBANO:

Um espaço de práticas educativas, de 1999 a 2018.

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientadora: Profa. Ms. Ana Paula Cantelli Castro.

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

S725m Sousa, Igor Henrique Pereira de
O museu Ozildo Albano : um espaço de práticas educativas, de 1999 a 2018 / Igor Henrique Pereira de Sousa – 2023.
54 f.

1 Arquivo em PDF

Indexado no catálogo *online* da biblioteca José Albano de Macêdo-
CSHNB

Aberto a pesquisadores, com restrições da Biblioteca

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do
Piauí, Licenciatura em História, Picos, 2023.

“Orientadora: Ma. Ana Paula Cantelli Castro ”

1. Museu – práticas educativas. 2. Ensino de história. 3. Museu Ozildo
Albano. 4. Educação patrimonial. I. Castro, Ana Paula Cantelli. II. Título.

CDD 709

Emanuele Alves Araújo CRB 3/1290



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Coordenação do Curso de Licenciatura em História
Rua Cícero Duarte N°905. Bairro Junco CEP 64600-00 – Picos – Piauí
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: coordenacao.historia@ufpi.br

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Do campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de IGOR HENRIQUE PEREIRA DE SOUSA sob o título **O MUSEU OZILDO ALBANO: Um espaço de práticas educativas, de 1999 a 2018.**

A banca constituída pelos professores:

Orientadora: Prof^a. Ms. Ana Paula Cantelli Castro

Examinador 1: Prof. Ms. Rodrigo Gerolineto Fonseca

Examinadora 2: Prof^a. Ms. Lorena Maria De França Ferreira

Deliberou pela APROVAÇÃO do candidato, tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 10,0.

Picos (PI), 05 de dezembro de 2019

Orientadora: *Ana Paula Cantelli Castro*

Examinador 1: *Rodrigo Gerolineto Fonseca*

Examinadora 2: *Lorena Maria de França Ferreira*

Aos que disseram que o sonho poderia se tornar realidade.

AGRADECIMENTOS

A gratidão é um sentimento que exprime reconhecimento, logo, agradecer é manifestar nosso reconhecimento à contribuição do próximo. Nesse espaço gostaria de agradecer a todos que contribuíram na caminhada da graduação do curso de Licenciatura em História, pois foram muitos os que contribuíram de forma direta ou indireta, dando forças para continuar a caminhar junto ao objetivo de graduar-se.

Agradeço de uma forma muito honrosa e especial há todos os professores do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Piauí, Campos de Picos, aos que ainda continuam e aos que já saíram do quadro docente. Sem vocês nada disso seria possível, mulheres e homens que me ensinaram muito mais que conteúdo, me prepararam para a vida. Aproveito o ensejo e exprimo minha gratidão pelas contribuições da minha orientadora, Prof.^a Ms. Ana Paula Cantelli Castro. Obrigado Ana! Sem você possivelmente não teria encontrado esse tema e muito menos tido contato com o espaço do Museu Ozildo Albano, a quem também agradeço a toda equipe que me acolheu atenciosamente. Também agradeço a banca examinadora desse trabalho, obrigado pelas suas contribuições!

Aos familiares e amigos, gostaria de agradecer ao meu companheiro de vida Roner Marcos G. de Andrade, ele que me acompanhou durante toda essa trajetória. Sou grato aos meus pais, Eliane Gabriel e Francisco Neivaldo, pelo apoio familiar. Agradeço ao amigo/irmão Júnior Leal, aqui representando toda a família da Tapera, pelo carinho e atenção. Aos amigos, estes são muitos e ao mesmo tempo são poucos, agradeço pelo companheirismo, compreensão e cumplicidade de todos.

Por fim, gostaria de dizer que passaram-se 5 anos desde o dia que ingressei na UFPI com um sonho daqueles de adolescente, de mudar o mundo, hoje passado todo esse tempo, depois de toda essa carga teórica, percebo que é mais difícil do que pensava e que isso depende de muito mais gente que um rapaz 23 de anos de idade, porém não desisti.

O que pretendo dizer com tudo isso é que mudei, e isso é maravilhoso, e nas minhas experiências de vida o Curso de História de Picos, na turma de 2015.1, foi sem dúvidas uma das melhores, como diz a canção de Gonzaguinha *“Ontem um menino, que brincava me falou, hoje é a semente do amanhã. Para não ter medo,*

que este tempo vai passar. Não se desespere, nem pare de sonhar". Tenhamos a certeza que esse tempo de horrores ao qual vivemos no Brasil vai passar. Censura velada, discurso de preconceito, ódio às minorias, machismo e homofobia institucionalizada, não passarão!

O museu é o lugar em que sensações, ideias e imagens de pronto irradiadas por objetos e referenciais ali reunidos iluminam valores essenciais para o ser humano. Espaço fascinante onde se descobre e se aprende, nele se amplia o conhecimento e se aprofunda a consciência da identidade, da solidariedade e da partilha. IBRAM (Instituto Brasileiro de Museus)

RESUMO

O presente trabalho analisa o museu Ozildo Albano como espaço de práticas educativas, a partir de 1999 até o ano de 2018. Tendo como base a utilização desse espaço, como local de memórias, pela educação formal pública e privada dos diversos níveis, como meio de ensino e aprendizagem. Essa monografia contextualiza historicamente o museu Ozildo Albano, apontando reflexões sobre seu papel educativo, desde a sua fundação pelo José Albano de Macedo (Ozildo Albano) enquanto Museu Biblioteca Capitão-Mor João Gomes Caminha, sua transferência para a sede do Grupo Escolar Coelho Rodrigues, passando pela reestruturação do acervo realizada por museólogos nos anos de 2011 a 2014, até seus projetos e exposições no ano de 2018. O percebendo como espaço vivo, possibilitador de conhecimento, também analisa a importância desse espaço de memórias para o ensino de história, como para outras áreas do conhecimento, apontando a importância da educação patrimonial. Foram dois anos de pesquisa, que se utiliza de autores como Francisco Régis Lopes Ramos, Peter Burke, Circe Bittencourt entre outros, e materiais elaborados pelo IPHAN. Como fonte, empregam-se jornais publicados na década de 80 e 90, além do estudo de caso do cotidiano do museu, chegando à conclusão da instituição estudada, prestar serviços indispensáveis à comunidade escolar, acadêmica e popular do município de Picos e macrorregião.

Palavras-chave: Museu e Educação. Ensino de História. Educação Patrimonial.

ABSTRACT

This paper analyzes the Ozildo Albano Museum as a space for educational practices from 1999 until 2018, based on the use of this place of memories by the public and private formal education, at various levels, as a means of teaching and learning. This monograph historically contextualizes the Ozildo Albano Museum, pointing to reflections on its educational role since its foundation by José Albano de Macedo (Ozildo Albano) as the Captain-General João Gomes Caminha Library Museum, its transfer to the headquarters of the Coelho Rodrigues School Group, passing by restructuring of its collection by museologists from 2011 to 2014, until its projects and exhibitions in 2018. Perceiving it as a living space, enabling knowledge, its importance for the teaching of history is also analyzed as well as for others areas of knowledge, pointing out the importance of heritage education. There were two years of research, which used authors such as Francisco Régis Lopes Ramos, Peter Burke, Circe Bittencourt, among others, and materials prepared by IPHAN. As a source, we used newspapers published in the 80's and 90's as well as a case study of the museum's daily life, reaching the conclusion that this institution provides indispensable services to the school, academic and popular community of the municipality of Picos and macroregion.

Key words: Museum and Education. History Teaching. Heritage Education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Visita escolar ao Museu Ozildo Albano, sala 1, autor desconhecido. Fonte, acervo Museu Ozildo Albano.

Figura 2: Visita escolar ao Museu Ozildo Albano, sala 1, autor desconhecido. Fonte, acervo Museu Ozildo Albano

Figura 3: Visita escolar ao Museu Ozildo Albano, sala 2, autor desconhecido. Fonte, acervo Museu Ozildo Albano.

Figura 4: Totem1, sala 2, autor Igor Henrique. Fonte, acervo pessoal do autor.

Figura 5: Totem 2, sala 2, autor Igor Henrique. Fonte, acervo pessoal do autor.

Figura 6:Visita escolar ao Museu Ozildo Albano, sala 3, autor desconhecido. Fonte, acervo Museu Ozildo Albano.

Figura 7: Visita escolar ao Museu Ozildo Albano, sala 4, autor desconhecido. Fonte, acervo Museu Ozildo Albano.

Figura 8: Visita escolar ao Museu Ozildo Albano, sala 4, autor desconhecido. Fonte, acervo Museu Ozildo Albano.

Figura 9: Visita escolar ao Museu Ozildo Albano, hall, autor desconhecido. Fonte acervo Museu Ozildo Albano

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	11
CAPÍTULO 1: MEMÓRIAS DO E NO MUSEU OZILDO ALBANO	16
1.1. O Museu Ozildo Albano: do colecionismo a criação.....	28
1.2. O museu hoje na cidade de Picos	29
CAPÍTULO 2: AS DIMENSÕES DO MUSEU: O OZILDO ALBANO COMO UM ESPAÇO DE PRÁTICAS EDUCATIVAS	32
2.1. O museu na sala de aula: a importância das ações educativas no Ozildo Albano para o ensino de história.	34
2.2. O museu Ozildo Albano: estudo interdisciplinar do meio e a Educação Patrimonial ..	43
2.3. O museu: um lugar de memórias	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS E FONTES.....	52
ANEXOS	54

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Pensar a prática do ensino e história é saber que este, não comporta mais as velhas e monótonas aulas, em que aprender o conteúdo, decorar, pelo simples fato de passar na disciplina era a máxima, que o aluno estava ali simplesmente como receptor do conhecimento, mas sim, que dinâmica do ensino aprendizagem, caminha para a compreensão do espaço social ao qual o aluno está inserido. Uma das maneiras de aproximação do conteúdo da sala de aula, com o cotidiano, o espaço extramuros da escola é a compreensão do turismo pedagógico¹.

O Turismo pedagógico consiste no entendimento que educação ocorre em todos os espaços e com isso os patrimônios históricos de uma cidade, por exemplo, proporcionam a ligação entre a educação formal com a informal e nesse sentido os museus como espaços educativos possibilitam ser o elo que une a realidade social local, junto ao conteúdo histórico.

Os museus como espaço educativo, vêm sendo discutido ao longo dos anos, como um dos objetivos da manutenção e preservação desses espaços. Antes um local voltado estritamente para o ato de colecionar objetos antigos, também outrora um local de visitação em que somente se recebia o que estava sendo exposto, transforma-se numa relação bilateral que possibilita ao visitante ser parte ativa, com questionamentos aquilo que lhe é apresentado.

Nesse sentido, ao escrever esse trabalho de conclusão de curso de licenciatura em História, tenho a oportunidade de salientar o meu lugar de fala como professor de História, pois é a partir desse lugar, e com esse olhar, que me ponho a pesquisar o Museu Ozildo Albano como espaço educativo da cidade de Picos. Para dar início, gostaria aqui de fazer uma breve retrospectiva de como cheguei à temática de pesquisa, museu e educação, por conseguinte falar sobre o meu objeto pesquisado, o problemas levantados, a justificativa, metodologias e aporte teórico que me ajudam a pensar a temática.

Durante a graduação, vivemos vários momentos que nos proporcionam pensar temáticas para o desenvolvimento de trabalhos científicos, um desses

¹ ALVES, Kerley dos Santos et al. O turismo pedagógico na escola: agenciamentos e conexões / colaboração: Gilson Nunes, Alessandra Almeida, Alice Silva, Eliane Silva, Emanuelle Rodrigues, Marcella Reis, Waléria Niquini – Ouro Preto: UFOP, 2012. 128p.: il.

momentos se deu quando ingressei no projeto de extensão “Educação Patrimonial e Práticas do Ensino de História” da UFPI, ao qual fiz parte sendo bolsista PIBEX. Nesse projeto, um dos requisitos proposto era o cumprimento de uma carga horária semanal de 12h no Museu Ozildo Albano, dessa forma, é que iniciei uma relação direta com a instituição estudada e pude fazer parte da dinâmica do museu, exercendo visitas mediadas, organizando arquivos e montando exposições.

Com essas experiências adquiridas ao longo do projeto de extensão, é que pude delimitar o tema trabalho, ao passo que percebo a importância desse espaço de memórias, como um local vivo e ativo em meio à sociedade, o que faz com que possibilite a educação de forma a transpassar a formalidade, no sentido de que oportuniza ao visitante se inserir naquele espaço e empreender para si o conteúdo histórico tendo como base os objetos expostos, ato que na maioria das vezes não ocorre no espaço formal escolar.

Com isso, para que se possa compreender o espaço do Museu Ozildo Albano, é de suma importância que entendamos um pouco sobre essa instituição, bem como os percalços que envolvem o funcionamento desta que se configura como um dos poucos museus no Centro-Sul Piauiense que resiste em meio aos descasos do poder público.

O museu Ozildo Albano é uma instituição privada sem fins lucrativos, pertencente à família Albano, localizada na Cidade de Picos. Tem sua sede desde o ano de 1999, no prédio histórico da antiga Unidade Escolar Coelho Rodrigues, onde atua na preservação do patrimônio material, além de contribuir como espaço educativo. Convém ressaltar que, mesmo sendo uma instituição privada, depende de políticas públicas para seu funcionamento, sendo vinculada a Secretaria do Estado de Cultura do Piauí, que ajuda no custeio dos funcionários que, diga-se de passagem, é um número bastante reduzido. Na esfera municipal, não há políticas públicas eficazes, ficando o Museu dependente das ações dos governantes vigentes, que muitas vezes deixa a instituição sem o devido amparo. Atualmente o museu é mantido pela AAMOA, Associação dos Amigos do Museu Ozildo Albano fundada no ano de 2007.

Além do mais, para a manutenção da estrutura física do prédio, que é antigo, depende das ações de empresas que patrocinam reformas, um dos meios mais

comuns é através das verbas indenizatórias, uma dessas reformas de maior relevância ocorreu entre os anos de 2011 a 2014, que com a transferência, guarda e curadoria museológica de acervo arqueológico resultante da implantação de linhas de transmissão de energia, pelas empresas Iracema Transmissora de Energia S.A e Interligação Elétrica Norte e Nordeste S.A – IENNE, proporcionou que toda a estrutura física fosse restaurada, o ambiente climatizado, o recebimento de novos mobiliários que ajudam na exposição do acervo, além do fortalecimento da identidade visual e implantação do laboratório de restauro e conservação.

Com relação à composição do acervo, vemos uma variedade incrível de peças, que vai desde utensílios domésticos, a uma biblioteca grandiosa de primeiras edições de grandes clássicos da literatura brasileira e regionalmente piauiense, a arte sacra é outro ponto forte do acervo, além de arqueologia e materiais utilizados nas fazendas de gado piauienses, entre outros objetos do cotidiano das sociedades do semiárido piauiense. O que faz com que o acervo seja capaz de possibilitar um campo amplo na construção do conhecimento histórico.

Dessa forma é que o Museu vem se mantendo ao longo do tempo, mesmo não havendo recursos financeiros satisfatórios para contratação de uma equipe especializada em museologia. Porém, mesmo com recursos escassos o museu não deixa de cumprir com a agenda anual pré-estabelecida pelo IBRAM a nível nacional, como também a agenda do próprio Museu. Ao longo do ano são realizadas três exposições, que já são conhecidas e esperadas pela sociedade, são estas: a Semana Nacional dos Museus, a Primavera dos Museus, ambos os eventos proposto pelo IBRAM e o 20 de Novembro que marca o nascimento do fundador do Museu, bem como dia da Cultura Picoense.

Além de uma agenda anual já programada, o espaço do Museu é aberto ao público em geral de terça a sexta-feira, no horário de 8:00h as 17:00h, e nos sábados e domingos no horário de 8:00h as 12:00h. Para visitas em grupos numerosos, ou para a utilização dos materiais do acervo para pesquisa, deve ser agendado previamente, de modo presencial ou por telefone, como também e-mail com a administração do local. É nesses momentos das visitas que o museu arrecada um taxa mínima de 2,00 reais por pessoa que visita o espaço, essa taxa é meramente simbólica, pois a maioria das visitas são feitas por estudantes, e

estudantes da rede pública são isentos de taxaço. O Museu é um espaço extremamente receptivo e mesmo se o visitante não tiver condições financeiras, não fica sem entrar e conhecer o acervo.

O Museu possui um número bastante significativo de visitantes, principalmente quando se trata do público escolar. Cerca de 90% do público visitante do museu é composto por estudantes das escolas dos mais diversos níveis do ensino público, sendo que entre estes o ensino fundamental é sempre um número maior, como da rede privada que pertencem as localidades que compõe o município de Picos e cidades vizinhas. No entanto, ainda carece de reconhecimento dos docentes e discentes das universidades e faculdades da cidade de Picos, muitos alunos do curso de história, ao qual faço parte, entram e saem da graduação sem ao menos conhecer o Museu e as possibilidades de pesquisa que o local oferece.

Uma das principais problemáticas levantadas é que o Museu precisa ser reconhecido enquanto espaço educativo, múltiplo e dinâmico, que oferece inúmeras possibilidades de aprendizagem, sejam elas no campo formal ou informal do conhecimento. A comunidade acadêmica precisa estabelecer uma relação mais ampla e direta com esse local de memórias.

Tendo em vista tudo isso, principalmente de que o contingente maior de visitasões ocorre pelo público escolar, é que justifico essa pesquisa salientando a importância dessa instituição como espaço educativo, que se constitui enquanto forte ferramenta pedagógica para o ensino das diversas áreas do conhecimento acadêmico. E com isso, o Museu Ozildo Albano exercendo esse papel social, não desassociado das políticas públicas nacionais, que salienta a relevância dos museus como lugares destinados ao aprendizado, não mais como um mero olhar turístico.

Ademais, como foi dito anteriormente esse é um trabalho de um professor de história e não de um museólogo, por isso consiste em lançar um olhar de historiador na relação desse espaço como local de práticas educativas, discutindo noções de memória e história, sobretudo memória coletiva utilizando-se de autores como, Peter Burke, Francisco Régis Lopes Ramos, Circe Bittencourt, pois com essa discursão podemos visualizar o museu como local de memórias, visto também que o acervo do Museu é construído com uma noção de manutenção de uma memória afetiva muito marcante. Outro conceito que irei apontar nesse trabalho é sobre as

noções de identidade, utilizando-se de artifícios da antropologia para se pensar como o museu possibilita através da educação, o fomento ao sentimento de pertencimento a um determinado local, no caso o sentimento de pertencer a cidade de Picos. Ao longo de todo o trabalho será discutido Educação em Museus, as possibilidades e os desafios enfrentados pelo Museu Ozildo Albano, se configurando como espaço educativo e democrático na construção do conhecimento.

Dessa forma, este trabalho está dividido em 2 (dois) capítulos. No 1º capítulo faço uma abordagem histórica do Museu Ozildo Albano, desde a sua fundação na década de 1960 enquanto Museu Biblioteca Capitão- Mor João Gomes Caminha, até 2018, mas em meio a essa cronologia, me atendo ao período de 1999 até 2018, período ao qual o Museu Ozildo Albano passa a ter sua sede no antigo Grupo Escolar Coelho Rodrigues, na Praça Josino Ferreira no Centro de Picos. Ademais nesse capítulo aponto as contribuições educativas do Museu na Sociedade de Picos e Macrorregião. No 2º capítulo, trabalho o Museu como lugar de memória, as dimensões do Museu Ozildo Albano como um espaço de práticas educativas, bem como o museu e a sala de aula contribuem para ensino de história. Além disso, o Museu no estudo interdisciplinar em meio à educação patrimonial. Por fim, trago as considerações finais deste trabalho.

Capítulo 1

MEMÓRIAS DO E NO MUSEU OZILDO ALBANO

Compreender a essência das memórias do Museu Ozildo Albano nos dias atuais é possível, sobretudo, após entendermos a história e trajetória deste, que se firma na sociedade picoense como um espaço de salvaguarda da História da cidade. Tendo em vista que o objetivo desse capítulo é entender a construção do museu Ozildo Albano como espaço de práticas educativas.

O que hoje conhecemos como Museu Ozildo Albano nem sempre foi assim, ele não surge com essa nomenclatura, nem nesse espaço em que se encontra aberto ao público para visitas. Em meados da década 1960 José Albano de Macedo, homem cristão, formado em direito, juiz de direito e professor, conhecido popularmente por Ozildo Albano, fundava em sua residência o Museu e Biblioteca Capitão-Mor João Gomes Caminha.

Nascia assim, em 1966, um museu em sua própria residência, localizada na Avenida Getúlio Vargas, Nº 285, cujo homenageado foi o Capitão-Mor João Gomes Caminha, personalidade histórica de seus ancestrais, o qual lhe despertara interesse de pesquisa sobre a sua história de bravura como prisioneiro político na Ilha das Cobras, hoje Fernando de Noronha. Os primeiros objetos foram adquiridos através desse ilustre capitão.²

Assim como ocorria na Europa dos séculos XVI e XVII, em que coleções davam início aos “gabinetes de curiosidades”³ que depois vieram a se tornar os museus. O Museu Biblioteca João Gomes Caminha, teve início no colecionismo, que dentre outros objetivos tinha o intuito de conservação dos objetos que faziam parte do cotidiano das famílias picoenses, como também de outros lugares. Ozildo colecionou artefatos religiosos, mobiliários, cartas do período colonial brasileiro, livros, fotografias, dentre outros objetos. No entanto, não deixou sua coleção restrita aos seus olhos, fundando em sua própria residência um espaço voltado para a visita e para a pesquisa.

Desse modo, a trajetória do museu, passa pela Rua São Francisco nº 500 no Bairro Centro, onde funcionou até depois da sua morte no ano de 1989. Nesse

² MUNDICA, Fontes. Biografia. museuozildoalbano, 2019. Disponível em: <<https://www.museuozildoalbano.com.br/biografia>>. Acesso em: 18, nov. de 2019.

³ ABREU, Larissa Rachel Ribeiro de. ***Pela imortalidade dos objetos: uma proposta pedagógica para os museus de São Luís***. 2016. 119 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de História, Ensino e Narrativas, Universidade estadual do Maranhão, 2016. p 73

período o Museu funcionou de forma parcial. Tendo em vista que por se tratar de um acervo privado, situado na casa de Ozildo, pós-morte do diretor e dono do Museu, a tutela do acervo passa para seus irmãos Albano Silva e Conceição Silva que por falta de condições financeiras mantiveram a biblioteca fechada para visitas, mas no dia-a-dia abriam exceções para alunos e professores que necessitavam de pesquisa, para que pudessem ter acesso ao acervo, como afirma Mundica Fontes em entrevista ao Jornal de Picos (1990).

A biblioteca do museu foi fechada somente para o público discente (referente às pesquisas escolares), tendo em vista o desgaste dos livros e dos materiais de consumo e também pela falta de condições e assistência de funcionários próprios para atendimento. Entretanto continua de portas abertas para visitantes e pesquisadores de modo geral.⁴

Com o passar do tempo, um grupo de intelectuais da sociedade picoense, intitulado Mutirão Arte e Cultura composto por professores, poetas e artistas plásticos, passaram a solicitar ao governo do estado do Piauí o tombamento do então grupo escolar Coelho Rodrigues, situado na praça Josino Ferreira número 404, para sediar o museu e biblioteca Capitão-Mor João Gomes Caminha, o que podemos perceber na matéria do Jornal Gazeta de 1991, anexo A.

A petição desse espaço que antes abrigava uma unidade escolar, para transformá-lo na sede do museu, não foi feito aleatoriamente, pois havia a ideia de que deveria se conservar a arquitetura deste que foi o primeiro prédio escola pública do município, como também já se pensava no papel educativo que o museu exercia na sociedade. Como mostra o Professor Francisco Régis se referindo ao prédio do Museu do Ceará, é preciso compreender o fascínio da arquitetura de tempos pretéritos.

Em certa medida, o prédio onde atualmente se encontra o Museu do Ceará guarda características de monumentalidade. É uma máquina de sedução e assim deve ser tratada. Não devemos resistir aos seus apelos, à sua beleza sedutora e imponente que carrega nossa imaginação para tempos do pretérito. É a partir dessa visão generosa e admirada que se pode pensar sobre as próprias razões do edifício, pergunta-se sobre sua história, suas intenções originais... Indagar-se sobre os usos da construção no decorrer do tempo. Aí, o acasalamento do fascínio com a reflexão vai fertilizando o conhecimento sobre a nossa própria historicidade.⁵

⁴ MUNDICA, Fontes. Museu em destaque, **Jornal de Picos**, Picos Piauí, 06 de dez. de 1990.

⁵ RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A doação do objeto: o museu no ensino de História**. Chapecó: Argos, 2004. p. 46

Ao escolher esse prédio para sediar o Museu Ozildo Albano, vemos a estreita relação de fascínio com a história que o prédio carrega em sua monumentalidade. Construído em um grande período de seca no Piauí para ser uma escola pública, o edifício abrigou durante anos o Grupo Escolar Coelho Rodrigues, onde pessoas que faziam parte do Grupo “Mutirão” estudaram. Então, para além de ser um monumento edificado para ser casa de ensino, esse prédio emerge nas pessoas que queriam o seu tombamento como patrimônio, uma relação íntima e afetiva. O próprio Ozildo Albano enquanto secretário de cultura do Município catalogou prédios da cidade que deveriam ser preservados e este era um deles.

Passados 8 (oito) anos, após vários pedidos ao Governo do Estado do Piauí, o então governador da época Mão Santa, inaugura no dia 14 de maio de 1999 na sede do antigo Grupo escolar Coelho Rodrigues, O Museu Ozildo Albano. Aqui podemos notar o processo de transição do antigo Museu e Biblioteca Capitão Mor João Gomes Caminha, para o Museu Ozildo Albano. Nosta-se com isso a homenagem prestada a figura do fundador, pois esse novo espaço é intitulado com seu nome.

Nesse sentido, podemos ver o entrelaçamento que ocorre na construção da história do Museu Ozildo Albano com a história da cidade, como também na história que o próprio museu irá contar durante os anos que se seguem. A utilização de um espaço físico que remete a educação perpetua o caráter educativo exercido pelo museu.

Passado tudo isso, mesmo instalado em um prédio Público do Governo do Estado do Piauí, as dificuldades para a manutenção da conservação do acervo persistiram, pois no que concerne as políticas públicas, foram poucas ou nulas, foi assim que no ano de 2007 intuiu-se a AAMOA- Associação dos Amigos do Museu Ozildo Albano, responsável pela manutenção da sede do Museu.

Até que nos anos de 2011 a 2014 a sede do Museu passa por reformas significativas que reestruturam o espaço físico, além de treinamentos da equipe dos funcionários e da criação da logomarca, fomentando assim identidade visual. O espaço do museu é nesse momento dividido e pensado para criar uma narrativa.

Dessa forma, museólogos elaboraram e discutiram junto à direção e a associação AAMOA, planos para reestruturação do museu, pensando em cada espaço:

O Museu Ozildo Albano, que é gerido por membros da tradicional família Albano em Picos, através da Associação dos Amigos do Museu Ozildo Albano, está localizado na Praça Josino Ferreira, centro de Picos e passa por uma ampla reforma, que beneficiou o prédio estruturalmente e ainda capacitou pessoas que possam manter o acervo histórico intacto. O acervo arqueológico que passará em breve a fazer parte do Museu Ozildo Albano é proveniente do salvamento decorrente das linhas de transmissão que passaram pela região. São vestígios de populações que viveram na região do Piauí no período anterior à colonização, trata-se de pedaços de cerâmica⁶.

Após a reforma estrutural do prédio, o museu também passa por reformas no que diz respeito ao modo de apresentação e disposição de suas peças. São criadas assim, 4 salas de exposições permanentes que abordam 4 temáticas diferentes, mas confluem em uma narrativa pensada, para que o visitante possa ser imerso no espaço museal. Além disso, o hall de entrada que dá acesso as 4 referidas salas, tornou-se um espaço de exposições temporárias. Vejamos cada uma delas.

A primeira sala a ser visitada é o Memorial Ozildo Albano e Biblioteca. Esta sala em especial foi criada para homenagear o fundador do museu, nela é possível ver as narrativas que contam a história da vida de Ozildo Albano, bem como da sua família. Ao visitar esta sala, alunos se encantam com as grandes fotografias em preto e branco que narram à vida da família Albano e de Ozildo, ao passo que fotografias da cidade de Picos das décadas de 1930 a 1980 chamam atenção, fazendo com que o visitante possa fazer em sua memória, a comparação do antes e do depois dos antigos prédios da cidade.

Como demonstra a figura número 01, podemos observar o espaço citado anteriormente, sendo visitado por alunos da rede privada de ensino, nessa fotografia observa-se a concentração dos alunos em fazer anotações dos textos escritos no expositor, enquanto outros observam atentamente as fotografias expostas.

⁶ SOARES, Marta. Museu Ozildo Albano receberá artefatos que contam a história da região de Picos. **Folha Atual**, Picos Piauí, 20/06/2013. Disponível em: <http://folhaatual.com.br/site/materia/1921/> Acessado em 20 de nov.2019



Figura 1, Visita escolar ao Museu Ozildo Albano, sala 1, autor desconhecido
 Fonte: Acervo Museu Ozildo Albano

Ainda na sala número 01, outro espaço que é motivo de admiração são as grandes estantes, que guardam os livros dos mais diversos gêneros textuais (figura 02). Fruto da Coleção de Ozildo, como das doações de visitantes do museu. Esse espaço sempre chama atenção, tanto pelo seu grandioso tamanho, tanto pela variedade de obras, muitas delas em sua primeira edição.



Figura 2, Visita escolar ao Museu Ozildo Albano, sala 1, autor desconhecido
 Fonte: Acervo Museu Ozildo Albano

Logo em seguida, ao lado da sala memorial, tem-se a sala destinada à arte sacra - sala número 02- nela pode- se ver imagens barrocas dos santos católicos datados do século passado, oratórios e peças que pertenceram às igrejas e as

famílias picoenses, tendo em vista que era muito comum se ter nas casas altares com imagens dos santos de devoção.

Essa sala foi projetada para despertar através de dois sentidos, a visão e a audição, o sentimento de serenidade, que remetem a sacralidade das antigas igrejas barrocas. No campo visual à utilização das luzes amarelas, que imitam as luzes de janelas e frestas, muito comuns em igrejas do século XIX, e na audição se tem a sonorização de cantos beneditinos.

Percebe-se então a criação de um ambiente que se utiliza de mecanismos para que o visitante entre na narrativa construída pela equipe de Museólogos, responsáveis pela reestruturação e reforma desse espaço. Há nesse espaço um elo que possibilita ao visitante remeter a sua própria história, tendo em vista a grande religiosidade católica no município.

Como demonstra a figura número 03, crianças ao visitar esse espaço, se aproximam com curiosidade das vitrines, apontando para imagens de santos e santas católicas, perguntando quem são nas imagens e para que servem determinados objetos litúrgicos expostos. Ainda se escuta relatos que na casa dos avós se tem imagens parecidas.



Figura 3, Visita escolar ao Museu Ozildo Albano, sala 2, autor desconhecido.
Fonte: Acervo Museu Ozildo Albano.

Outro aspecto dessa sala, é que ela foi projetada para aproximar o público ao ambiente do museu, tendo um forte potencial pedagógico. Em totens expostos em sua entrada foi construída uma narrativa que aproxima o que é exposto, a prática religiosa no cotidiano do visitante, fomentando o sentimento de pertencimento a aquele espaço. Assim como no Museu do Ceará, como afirma professor Francisco Régis:

No intuito de potencializar essa relação pedagógica, foi projetada a cartilha “as aventura de Dorinha no museu”, que não se apresenta somente como livro ilustrado e sim como a trama de textos, desenhos e exercícios com as várias dimensões da cultura material. Assim a criança cria relações cognitivas com o seu passado e seu presente, interagindo ao mesmo tempo com o museu, a escola e a cidade⁷.

Assim como no museu do Ceará, no museu Ozildo Albano foram montadas estratégias para a criação de relações cognitivas do seu passado, para com o que está sendo exposto. No Museu Ozildo Albano, não é uma cartilha ilustrativa, mas sim o olhar o ambiente, o ouvir o ambiente e o ler, que nos é apresentado com o destaque, o “Nosso...”, como demonstra as figuras 4 e 5.

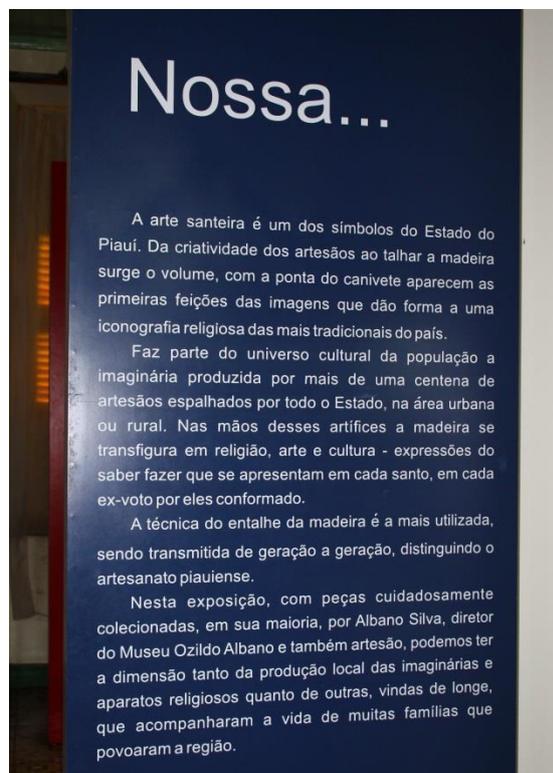


Figura 4, Totem1, sala 2, autor Igor Henrique.

⁷ RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto: o museu no ensino de História**. Chapecó: Argos, 2004. p. 39-40.

Fonte: Acervo pessoal do autor.

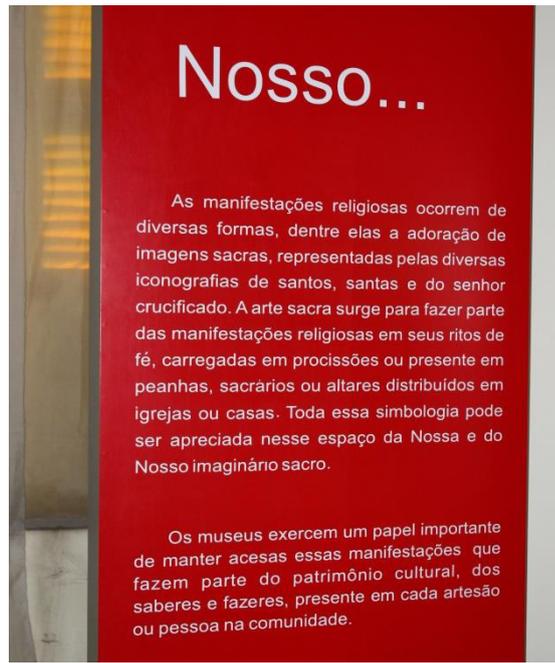


Figura 5, Totem2, sala 2, autor Igor Henrique.

Fonte: Acervo pessoal do autor.

Nas figuras 04 e 05 há um destaque proposital da palavra “Nossa” e “Nosso”, feito a equipe que montou a exposição, pois aproxima o visitante ao que está sendo exposto. Na figura de número 04 há uma contextualização, que busca através do regionalismo compreender que faz parte do cotidiano do sertanejo Nordestino, Piauiense e Picoense, para além da religiosidade demonstrada através dos santos, há também a arte de esculpir em madeira, dando visibilidade para o que é “Nosso”, é nosso, aqui, a arte e também a religiosidade do homem e da mulher sertaneja.

Convém destacar que a exposição de artes sacras, só é possível pelo conjunto de obras colecionadas pelo Albano Silva, este que é irmão de Ozildo Albano. Albano vem durante anos desempenhando o papel de diretor do museu, dando continuidade ao trabalho do seu irmão, foi ele, um artista plástico santeiro, que idealizou a sala de número 02.

Após fazer a contextualização no primeiro totem, o segundo apresentado na figura 05, dá ênfase a religiosidade como cultura de um povo, que necessita das imagens para compor seu imaginário religioso, uma vez que procissões e venerações às imagens de santos católicos fazem parte do imaginário e do cotidiano

do sertanejo, salientando ainda a importância dos museus para a manutenção do patrimônio cultural de um povo.

A sala seguinte, de número 03 destinada à arqueologia, conta a história da evolução do homem, de animais e plantas que viveram há centenas de anos atrás na região que hoje é o estado do Piauí, além de abrigar o acervo de material lítico, recebido através das obras de Implantação de Linhas de Transmissão de Energia Elétrica pelas empresas Iracema Transmissora de Energia S.A e Interligação Elétrica Norte e Nordeste S.A- IENNE. Nesta sala em especial temos expositores interativos que possibilitam ao público visitante, em sua maioria estudantes, se envolverem na temática abordada.

Essa sala foi pensada pelos museólogos para desenvolver um forte papel pedagógico. Ela é a sala mais interativa que o museu possui, pois se utiliza de estratégias para a aprendizagem do conteúdo. São expositores que chamam a atenção do visitante e instiga os estudantes a participarem da exposição e assim como na sala 02, possui sonorização contribuindo para imersão na temática abordada.

Há nesse espaço, a integração do visitante com a exposição, possibilitando que o estudante aja e assim obtenha o conhecimento através de uma forma lúdica. Na figura número 06 observa-se crianças jogando um jogo de encaixe de peças, que remetem as patas dos animais megafauna brasileira, nele a cada peça encaixada, se acende as informações referente ao animal que corresponde a pata.



Figura 06, Visita escolar ao Museu Ozildo Albano, sala 3, autor desconhecido.
Fonte: Acervo Museu Ozildo Albano.

Esse espaço ainda conta com mais dois expositores interativos, onde é possível compreender o trabalho do arqueólogo em campo. Em um deles os visitantes podem simular uma escavação arqueológica, ao tocar e utilizar as ferramentas em busca de um artefato. E em outro expositor há um quebra-cabeça que remete ao trabalho de restauro das peças encontradas e um jogo de ligar a imagem ao conteúdo correto.

Convém dizer que, a sala de número 03 é a sala em que a visita se torna mais demorada, pois ela desperta nas crianças o desejo de permanência no local. No sentido de que o espaço interativo e lúdico, proporciona ainda mais aprendizagem, pois instiga vários sentidos do corpo humano. Temos nessa sala o despertar dos sentidos do corpo humano, a visão, o tato e a audição.

Por sua vez, a sala 04 é destinada a pensar a história local apresentando ao público objetos que remetem diretamente a cidade de Picos, galeria dos prefeitos municipais, chave da cidade, espada do coronel da cidade, mobiliário das antigas famílias picoenses, instrumentos musicais da 1ª banda de música da prefeitura, dentre outros objetos relacionados à criação de gado e vida do sertanejo.



Figura 07, Visita escolar ao Museu Ozildo Albano, sala 4, autor desconhecido.
Fonte: Acervo Museu Ozildo Albano.

Essa sala em especial, instiga nos alunos a curiosidade da utilização das peças. Por se tratar da história local, nela podem observar mobiliários antigos, como também máquinas e aparelhos domésticos como rádios e vitrolas. Muitos dos alunos nunca tiveram contato com os discos de vinil e os grandiosos rádios feitos em madeira, o que faz com que chame a atenção para a peça, como também, há peças que ainda são comuns nas casas, tal como o bule e as xícaras de chá esmaltadas, material comum de se encontrar nas residências.

Essa sala também chama a atenção para o manequim que veste a farda de um soldado, que segundo o museu foi doada por um senhor vindo da Bahia e segundo informações colhidas dele, o fardamento remete ao exército do período imperial brasileiro, ademais na composição da peça há também uma espada que pertenceu ao Coronel Victor de Barros, este que tinha estreita ligação com a história da padroeira da cidade. Essas peças chamam e muito a atenção, fomentando muitas perguntas, há o vislumbre do uniforme e da espada, pois mexe com o imaginário dos visitantes, pois pode ser facilmente associada a filmes e séries.



Figura 08, Visita escolar ao Museu Ozildo Albano, sala 4, autor desconhecido.
Fonte: Acervo Museu Ozildo Albano.

Na figura 08 podemos notar a concentração dos alunos em frente a um som, que chama a atenção por se parecer com uma mobília, nele há o rádio e o toca-discos. Mais ao lado direito da imagem, vemos o manequim citado anteriormente.

Por fim, no hall de entrada tem-se o espaço destinado às exposições temporárias que variam durante o ano, possibilitando assim que o acervo possa ser exposto para sociedade, pois dado o tamanho da estrutura, o museu não comporta expor todas as peças que possui em seu acervo.



Figura 9, Visita escolar ao Museu Ozildo Albano, hall, autor desconhecido.
Fonte: Acervo Museu Ozildo Albano.

1.1. O Museu Ozildo Albano: do colecionismo a criação

Como ressaltado anteriormente, José Albano de Macedo, o Ozildo Albano iniciou sua coleção de peças ainda muito jovem, o que contribuiu para que o acervo do museu possuía bastantes peças. Outro fator que influenciou bastante na criação do acervo, foi o olhar de Ozildo para o que as pessoas diziam que era lixo, então é comum ao visitar o museu ver peças tais como louças, oratórios, imagens sacras, mobiliárias antigas, Lps, fotografias, entre outros objetos que ou foram doados pelas famílias da região de Picos ou resgatados quando os mesmos iam parar nas lixeiras.

Logo sua fama se espalhou e cada vez mais a sua coleção cresceu, pois as pessoas ao invés de jogar no lixo, davam a ele a salvaguarda de objetos que um dia pertenceram as suas famílias, pois sabiam que Ozildo guardaria com zelo. Foi assim que nasceu o Museu e Biblioteca Capitão- Mor João Gomes Caminha. Amante da literatura foi também desta mesma forma que guardou inúmeros livros, muitos deles em sua primeira edição.

Ao passo que, o ato de doar os objetos e os livros para Ozildo era, sobretudo a transferência de uma família para outra. Vejamos, pois, que assim como objetos de família são passados de geração a geração, carregando consigo um valor sentimental, esse sentimento poderia ser preservado se uma pessoa com Ozildo a tivesse em mão, pois ele cuidaria. Como também se percebe que a pessoa ou família que doa os objetos não se desvincula dele, pois sabe onde ele está e com quem está.

A casa de Ozildo acolheu inúmeras famílias, de forma simbólica, pois as memórias contidas nos objetos permaneciam lá, e quando se necessitava dessas memórias era só fazer uma visita ao Museu Biblioteca. Como é muito comum que pessoas que doaram objetos há 10, 20 anos atrás, hoje visitem ao museu e perguntem por determinada peça, ou até mesmo descendentes que sabem que uma determinada peça foi doada para o Museu de Ozildo.

Cria-se então um vínculo afetivo nas memórias contidas na relação com os objetos do museu, fazendo com que o espaço do museu seja um local que congrega esses sentimentos. Sendo as exposições o ato de confluir essas memórias para com

o Museu. Um exemplo bastante corriqueiro e que faz despertar no público as memórias, é uma exposição fotográfica.

Ozildo também, por sua vez não parou por aí, juntou crônicas da cidade, histórias passadas de gerações, conseguiu cartas de venda e compra de escravos, documentos da Diocese de Picos, catalogou por datas inúmeros acontecimentos da sociedade e da vida política picoense, deixando inúmeros escritos que hoje auxiliam as pesquisas acadêmicas.

Tendo em vista a matéria do Jornal de Picos, anexo B, a prefeitura municipal de Picos, reconhece como sendo de utilidade pública o Museu- Biblioteca João Gomes Caminha, o que se percebe com isso é que, sobretudo alunos e professores, utilizavam-se desse espaço para a realização de pesquisas para as escolas do município. Então, desde o período que Ozildo Albano estava a frente do Museu Biblioteca, o Museu vem contribuindo com seu papel social educativo e de pesquisa.

Percebe-se então que do ato de colecionar, surge um espaço que proporciona conhecimento, a partir da pesquisa realizada com o acervo. Além do que proporciona a sociedade como um todo, através das exposições, conhecer a partir dos sentidos sensoriais peças que remontam o passado histórico.

1.2. O museu hoje na cidade de Picos

Atualmente o museu mostra-se como um espaço dinâmico e ativo, mesmo com todas as dificuldades que enfrenta diariamente. Uma vez que não recebe nenhum tipo de recurso do estado e nem do município, possuindo um número de funcionários bastante reduzido.

Durante todo o ano realiza eventos junto a sociedade, como a Semana Nacional dos Museus, a primavera dos Museus, ambos os eventos norteados pelo Instituto Brasileiro dos Museus e o dia da Cultura Picoense no dia 20 de novembro, data que também marca o nascimento do fundador do museu. A instituição funciona de terça a domingo, aberto para o público de todas as idades, sendo que visitas em grupos numerosos devem ser agendadas previamente.

Realiza atividades com parceria de diversas entidades da cidade, dentre elas o Grupo Cultural Adimó (GCA), a Universidade Federal do Piauí, que através de

projetos de extensão possibilita que o corpo discente atue no monitoramento de vistas guiadas, manutenção e preservação do acervo, além do auxílio na promoção dos eventos.

O Museu tornou-se um espaço de cultura da cidade de Picos, pois consegue congrega diversos elementos culturais em suas ações. É comum nos eventos do Museu ser evidenciado as artes, como a música local, as danças populares, as poesias e poemas dos poetas da região. Além de promover exposições que reúnem diversos aspectos da cultura. O museu se torna um local de preservação, tradições populares, os dançares, cantares, saberes e fazeres de um povo.

Convém ressaltar, que graças às parcerias realizadas pelo museu, é que se pode mantê-lo funcionando a todo vapor, umas das iniciativas concretizadas graças à parceria do museu para com a UFPI, foi o lançamento no dia 17 de maio de 2018 do site da instituição. Tendo em vista que vivemos na atualidade um crescimento constante da informatização, espaços como os dos museus não podem ficar de fora desse processo.

A criação desse espaço virtual do museu possibilitou que as portas da instituição fossem abertas não somente para a população que passa pela cidade de Picos, mas para todo o mundo que queira conhecer sobre este espaço educativo e de cultura picoense. Hoje o site pode ser acessado de qualquer lugar do mundo, através do endereço "www.museuozildoalbano.com.br", que contém várias informações sobre o museu, histórico, fundação, imprensa, curadoria, entre outras que compõe esse ambiente virtual, possibilitando que o museu possa ir bem mais para além do seu espaço físico.

Esse site possibilita ainda que estudantes possam utilizá-lo de qualquer lugar que disponha de internet, para realização de pesquisas. Pois se trata de uma plataforma digital de fácil navegação, possuindo um vasto conteúdo que apresenta o museu, traz os cronogramas das atividades que estão sendo realizadas, fotos e vídeos.

O que outrora se inicia com Ozildo Albano e sua coleção de objetos antigos, hoje se torna uma instituição voltada para educação, promovendo práticas educativas que transcendem o espaço físico da instituição. Tendo acesso ao livro de

registro de visitantes, pode-se concluir que a maioria dos visitantes é composta por alunos do ensino básico e médio, que visitam o museu através da escola, em busca de conhecer a história de Picos.

Ao ter clareza de sua posição educativa, que passa pela pesquisa de acervo, montagem de exposições fundamentadas e atividades com as escolas, o museu torna-se mais didático, mais provocativo e lúdico, criando as condições para um relacionamento mais profundo com o variado espectro dos outros visitantes.⁸

O museu Ozildo Albano, construiu a sua história como um espaço que promove a educação patrimonial, a partir da intrínseca relação com as instituições de ensino formal. Por anos atende as escolas das redes privadas e pública da cidade de Picos, como de cidades Vizinhas. Ademais, o museu se consolida como um espaço que possibilita a construção do conhecimento, dada a alta procura de estudantes das universidades e faculdades que solicitam o acesso aos documentos para que sirvam de fontes no processo de escrita de trabalhos acadêmicos.

⁸ RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto: o museu no ensino de História**. Chapecó: Argos, 2004. p. 13

Capítulo 2.

AS DIMENSÕES DO MUSEU: O OZILDO ALBANO COMO UM ESPAÇO DE PRÁTICAS EDUCATIVAS

Podemos pensar o espaço, o concreto, através de diferentes usos e atribuições. No caso do objeto desse estudo; o Museu Ozildo Albano, podemos estendê-lo em diferentes dimensões, como um espaço educativo produtor do conhecimento, ou um lugar que preserva a memória local. Esse sentido que damos a esse tipo de espaço, juntamente com a forma que o usamos, vai de acordo com os nossos interesses. Com isso, elenca-se um leque de possibilidades acerca dos museus. O foco desse capítulo é analisar o museu Ozildo Albano como um espaço produtor do conhecimento, favorecendo o aperfeiçoamento do ensino e aprendizagem dos alunos que visitam o museu, tendo em vista que o público do museu constitui-se em sua grande maioria de alunos da rede básica de ensino, tanto pública como privada. Com isso, analisamos como o museu pode ser colocado como uma ferramenta didática para o ensino.

Os museus no século XXI constituem-se não mais por serem lugares estanques, destinados ao lazer turístico, onde se visitava com a finalidade de lembrar ou saber histórias do passado, mas sim, por serem espaços que possibilitam o estudo, pesquisa e educação, sempre a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento fomentando a construção de memórias, que estão em constante movimento, buscando e incitando novos olhares, novas perspectivas sobre a história conforme está definido no Estatuto IBRAM sancionado na LEI Nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que define os museus como:

“instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento”.⁹

São instituições múltiplas e interdisciplinares que tem como princípios fundamentais a promoção da cidadania e da dignidade humana, atuando com a finalidade de preservar o patrimônio cultural, promovendo a universalização do

⁹ BRASIL. Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Art. 1º. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Disponível em : <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm>. Acesso em: 20 de nov. de 2019.

conhecimento, o respeito e a diversidade cultural cumprindo sua função social educativa.

Nesse sentido, pensando a função social dos museus como espaço educativo e de produção dos saberes, função esta já presente no estatuto do IBRAM, é que no campo das políticas públicas se insere PNEM, Programa Nacional de Educação Museal. Proposto pelo órgão regulador dos Museus Brasileiros, o PNEM vem de forma a contribuir para fortalecimento de uma instituição consolidada e continuada, fomentando o respeito à diversidade, a promoção da inclusão da participação da sociedade, valorizando assim o relacionamento da sociedade com o patrimônio.

O amadurecimento dos museus e a crescente conscientização acerca da importância de sua função social têm se traduzido na valorização de sua natureza educativa. O IBRAM acredita ser fundamental que cada vez mais instituições voltem suas atenções para as potencialidades da educação em museus, indispensável na mediação com os públicos e suas memórias.¹⁰

Dessa forma, os museus são entendidos como agentes ativos na sociedade ao qual ele está inserido. Compreende-se os espaços dos museus, como sendo espaços que estão vivos e em movimento, nos interessando compreendê-los em sua dinâmica social, como aponta a Política Nacional dos Museus “Os museus brasileiros estão em movimento. Por isso, interessa compreendê-los em sua dinâmica social e interessa compreender o que se pode fazer com eles, apesar deles, contra eles e a partir deles no âmbito de uma política pública de cultura”.¹¹

Na perspectiva de atuação dos museus na sociedade, evidencia-se o que, segundo Letícia Julião¹² são 3 eixos cruciais para funcionamento eficaz. São estes, a preservação, a investigação e a comunicação, não podendo, pois, deixar que ocorra o desequilíbrio sob essas três competências, os museus devem agir de modo que proporcione o fortalecimento das relações da comunidade com o acervo, sendo esse o objetivo prioritário.

Além disso, como próprio salienta o estatuto do IBRAM no “Art. 21. Os museus garantirão a conservação e a segurança de seus acervos”¹³, nesse sentido,

¹⁰ Caderno da Política Nacional de Educação Museal. Brasília, DF: IBRAM, 2018. p. 7.

¹¹ Política nacional de museus / organização e textos, José do Nascimento Junior, Mário de Souza Chagas. – Brasília : MinC, 2007. 184 p. : il. color. p. 21.

¹² JULIÃO, Letícia, Pesquisa Histórica no Museu. In: Caderno de diretrizes museológicas I. Brasília: Ministério da Cultura / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ Departamento de Museus e Centros Culturais, Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura / Superintendência de Museus, 2006. 2ª edição.

¹³ BRASIL. Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Art. 1º. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Disponível em : <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm>. Acesso em: 20 de nov. de 2019.

o museu possui como responsabilidade deste a sua formação, a tarefa de preservar os objetos os resguardando, para que as gerações futuras tenham acesso às informações que possivelmente possam ser formuladas a partir deles. Ao passo que se deve sempre ter em mente que os museus não são espaços de depósitos de objetos antigos que caíram em desuso, é preciso estabelecer sentidos para com esses objetos, a partir do processo de pesquisa, que possibilita a disseminação do conhecimento, fugindo da ótica da simples exibição do acervo.

Ainda mais, o fomento a pesquisa através da investigação é de suma importância nos espaços museais, uma vez que se configuram como instituições histórico-socioculturais, são locais propícios para pesquisa, fomentando a produção de conhecimento a partir dos acervos que se tornam fontes nas mãos do pesquisador. Espaços esses que são constantemente visitados na busca de fontes para a construção de trabalhos historiográficos, como também de outras áreas do conhecimento científico.

Ademais, é a partir da comunicação que os museus estabelecem diretamente o diálogo com a sociedade, ao passo que a formulação de exposições abertas ao público, concretiza o ato pedagógico, pois possibilita que o visitante, a partir do seu olhar possa empreender o conhecimento científico, como também o conhecimento tido como saber popular. É nesse sentido que procuro discorrer como as exposições museológicas constituem-se como uma forte ferramenta pedagógica para o ensino/aprendizagem do conteúdo histórico, além de possibilitar a educação patrimonial, como é salientado pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional o IPHAN, que entende que educação patrimonial é feita quando há a promoção do diálogo, acerca da construção do conhecimento.

“Todas às vezes que as pessoas se reúnem para construir e dividir conhecimentos, investigar para conhecer melhor, entender e transformar a realidade que as cerca, estão realizando uma ação educativa. Quando tudo isso é feito levando em conta algo relativo ao patrimônio cultural, então trata-se de Educação Patrimonial”.¹⁴

2.1. O museu na sala de aula: a importância das ações educativas no Ozildo Albano para o ensino de história.

Os museus trazem consigo princípios educativos e informativos, é um espaço que tem um potencial na produção de conhecimentos, com isso, podemos pensá-los como uma ferramenta didática não só para o ensino de história, mas também para

¹⁴ IPHAN. **Educação Patrimonial**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/343>. Acessado em 20 de nov. de 2019

outras áreas do conhecimento. Exemplo prático desse conhecimento interdisciplinar, é que a partir da sala de arqueologia do Museu Ozildo Albano pode se desenvolver questionamentos na disciplina de ciências do ensino fundamental, como na área da biologia e paleontologia, outro exemplo é que a partir da biblioteca do museu, podem-se estudar diversos gêneros textuais, presentes nos livros, como também o estudo da linguagem e suas modificações ao longo do tempo.

Ao utilizarmos esse recurso na sala de aula desenvolvemos no aluno alguns eixos; a importância da educação patrimonial, a complexidade que circunda o ensino de história e a materialidade de determinados acontecimentos. O acervo presente no Museu Ozildo Albano narra uma perspectiva sobre a história local e preserva a memória social. É interessante salientar e problematizar que essa memória presente no museu Ozildo Albano representa também a memória de grupos sociais, e principalmente de famílias. Ao levarmos os alunos nesse espaço temos que evidenciar que este faz parte de uma narrativa histórica em que o que é exibido passou por uma escolha; uma seleção da memória.

Atualmente, os debates sobre o papel educativo do museu afirmam que o objetivo não é mais a celebração de personagens ou a classificação enciclopédica da natureza, e sim a reflexão crítica. Se antes os objetos eram contemplados, ou analisados, dentro da suposta “neutralidade científica”, agora devem ser interpretados.¹⁵

O museu e seu acervo não são neutros, os objetos quando historicizados passam a ser entendidos como artefatos históricos. Por isso, essa ferramenta didática feita através de questionamentos e problematizações oportuniza uma formação de consciência histórica mais complexa. Estudar o museu é importante no momento em que tem como foco a memória coletiva em um só espaço, entretanto, o professor deve guiar os alunos fazendo-os refletir sobre os acontecimentos históricos apresentando-lhes que naquele local, narra a partir de uma perspectiva que pode enaltecer alguns fatos ou sujeitos e silenciar outros.

[...] reflexões e questionamentos sobre as narrativas são muito relevantes, pois, como implicam visões, memórias, objetos, entre outros, podemos levantar perguntas e hipóteses, buscando analisar qual narrativa está presente nesse espaço, quem está sendo representado, por que esse objeto está aqui e não em outro local, de modo a levar o estudante a se socializar e buscar inquietações para responder a tais levantamentos. Esse espaço é então pensado realmente como potencial de

¹⁵ RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto: o museu no ensino de História**. Chapecó: Argos, 2004. p. 20

ensino/aprendizagem, e não como mera ilustração da verdade pronta e acabada ou a ilustração da realidade.¹⁶

A visita ao museu precisa ser construída através de problematizações, o aluno deve perceber que os objetos que estão sendo expostos partem de um processo de seleção e interesses, com isso, os objetos nos museus não são neutros, e por isso devem ser interpretados. Conhecer os artefatos expostos e o passado de modo crítico “significa, antes de tudo, viver o tempo presente como mudança, como algo que não era, que está sendo e que pode ser diferente.”¹⁷ A aula no museu serve como instrumento de construção de um conhecimento histórico através da problematização, isto é, enxergar os objetos como fontes que trazem consigo informações históricas.

Desse modo, as visitas escolares do Museu Ozildo Albano, precisam fomentar o conhecimento crítico dos alunos, na medida em que as visitas ainda possuem a conotação de puro lazer. Há diversos fatores que influenciam nas visitas das escolas e na abordagem de um conhecimento crítico, produtor de ideias. Um desses fatores é a falta de instrução dos professores e dos alunos, ambos, muitas vezes nunca visitaram o espaço do museu e não sabem se quer o que irão encontrar ao chegar, o que dificulta por parte do Museu a proposta de construção de um conhecimento crítico. Outro fator é o tempo, muitas escolas ainda carregam a falsa ideia que a ida ao museu é um simples passeio que pode ser realizado em 20 minutos, quando se leva horas para que se tenha um bom aproveitamento do que o museu pode oferecer.

O desenvolvimento da ação de exposição desses objetos os torna documentos para a investigação das informações que podem ser levantadas, uma vez que há marcas que se configuram como vestígios da época dos seus produtores, como também dos seus usuários. Os objetos no espaço museal se reconfiguram ganhando o status de documento.

Defende-se, portanto, uma "História dos objetos" que pressupõe o estudo da "História nos objetos": o objeto é tratado como indício de traços culturais que serão interpretados no contexto da exposição do museu ou na sala de aula. Assim, qualquer objeto deve ser tratado como fonte de reflexão, desde o tronco de prender escravos em exposição no Museu do Ceará até o copo

¹⁶ CHICARELI, Larissa Salgado. ROMEIRO, Kauana Candido. **Museu e ensino de História**: pensar o museu como local de conhecimento e aprendizagem. Revista Confluências Culturais – ISSN 2316-395X. 2014. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es> › descarga › artículo. Acessado em 20 de nov. de 2019.

¹⁷ RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto: o museu no ensino de História**. Chapecó: Argos, 2004.

descartável que faz parte do nosso cotidiano. O tronco, com toda sua carga dramática, abre inúmeras possibilidades de estudos não somente sobre nosso passado, mas também para questionarmos a história dos instrumentos de tortura no presente. Da mesma forma, o copo descartável pode servir de material para uma infinidade de estudos sobre a sociedade de consumo na qual estamos inseridos e sobre a qual temos pouca consciência crítica.¹⁸

Ao apresentar os objetos e a sua historicidade, o professor instiga nos alunos uma compreensão mais complexa e reflexiva sobre o museu e o seu acervo, ajudando-os a construir concepções mais críticas sobre a história e a sociedade em que estão inseridos. Desse modo, construindo um conhecimento através da historicidade e de problemáticas, é que irá ampliar a própria percepção histórica dos alunos no momento, em que, são levados a questionamentos sobre os processos históricos da realidade em que estão inseridos. É preciso que seja desenvolvido uma história-problema¹⁹ durante as aulas no museu. Essas problemáticas servem para que a visita ao museu fuja do tradicionalismo e de um ato mecânico, onde os alunos estão mais preocupados em preencher relatórios, ler legendas, coletar informações e dados. O que Segundo Lopes²⁰ é uma tarefa baseada “no reflexo e não na reflexão”, onde não há o desenvolvimento do pensamento crítico dos alunos, o “museu é transformado em fornecedor de dado”.²¹

Portanto, uma das perguntas principais para utilizarmos os museus como recurso didático é: como fazer com que os objetos expostos no acervo podem ser entendidos como fontes ou documentos históricos? Para isso, trouxemos como exemplo a imagem da palmatória exposta no Museu Ozildo Albano, na 12ª Primavera dos Museus, que possuía como tema “O Museu Ozildo Albano como espaço de práticas educativas”, tinha como principal objetivo não fazer apologia à

¹⁸ RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A DANAÇÃO DO OBJETO**: o museu no ensino de história.

¹⁹ Então, o que é uma problemática histórica? Antes de tudo, é a possibilidade de negar as perguntas tradicionais, as indagações que solicitam dados ou informações sobre datas, fatos ou certas personalidades. Por exemplo: quando foi proclamada a República? Quem proclamou a República? E assim por diante... No caso do museu: quais as peças expostas? Qual a data de tal quadro? A quem pertenceu certa cadeira?... Tais interrogações inclinam-se para o reflexo condicionado. Quando não há problemáticas historicamente fundamentadas, o resultado da pergunta é uma coleção de datas e fatos, uma linha cronológica pontuada de acontecimentos, sem relação dialética com o presente - emerge um passado morto. Lucien Febvre (1989) explica que “[...] pôr um problema é precisamente o começo e o fim de toda a história. Se não há problemas, não há história. Apenas narrações, compilações.” Um princípio básico que constitui a história-problema é a sua íntima relação com o conhecimento crítico enredado na própria historicidade das várias dimensões constitutivas da vida social. A história-problema enxerga o passado como fonte de reflexão acerca do presente, indagando as inúmeras tensões e conflitos que se fazem em mudanças e permanências. Assim, a história deixa de ser uma sucessão de eventos e assume a condição de pensamento sobre a multiplicidade do real. (Ver; RAMOS. P. 5)

²⁰ RAMOS, Francisco Regis Lopes. Op, cit., p. 5.

²¹ Ibid., p. 5.

volta desse instrumento para a sala de aula, ao contrário, tinha a função de salientar que esse tipo de prática punitiva no espaço educacional não é mais aceito. Com isso, se pode perceber que o objeto palmatória perde o seu valor primário que era de ser um instrumento punitivo, para um significado simbólico voltado a conscientização.



Figura 11, palmatória e objetos escolares, 12ª Primavera dos Museus, autor desconhecido.
Fonte: Acervo Museu Ozildo Albano.

Na figura de nº11 da direita para a esquerda, vemos a palmatória exposta. Nessa exposição em que o maior público foi das escolas de ensino básico, notou-se que os alunos lançavam um olhar de espanto, ao saber que esse material, servia para punir os alunos em sala de aula, a guia do Museu, sempre teve a preocupação de demonstrar aos visitantes, que a exposição desse objeto se tratava de uma forma pedagógica para lidar com o tema, violência na sala de aula.

Percebe-se nessa ação o valor pedagógico que tem a exposição da palmatória, junto à capacidade de que a partir do olhar, ser capaz de dar um novo sentido há um antigo objeto de punição. Contudo, para que essa análise seja feita é preciso que criem-se mecanismos que possam corroborar com a análise da peça exposta, como o uso de uma pequena legenda que expõe desde as especificações técnicas, tamanho, material, nome, como também a proposta de resignificar, ao passo que se constituem enquanto pistas para a interpretação do objeto exposto.

Desse modo, a partir do momento que entramos no espaço como os dos museus históricos, mergulhamos em um ambiente que nos é capaz de provocar rapidamente a relação de memória com o passado. Tendo em vista que há nesses

espaços a facilidade em despertar a rememoração, pois agem de maneira eficaz e rápida no processo cognitivo sensorial, sendo assim, os museus constituem uma forte ferramenta histórico-pedagógica como afirma Meneses: “A partir da seleção mental, ordenamento, registro, interpretação e síntese cognitiva na apresentação visual, ganha-se notável impacto pedagógico” (1994 p.10).²²

Esse fenômeno ocorre de maneira única no coletivo e individual de cada grupo ou pessoa que visita esse espaço museológico, dada à carga de experiências desses indivíduos, sejam elas de cunho científico, cultural ou até mesmo de memória afetiva que se tem com aqueles modelos de objetos expostos. É nessa perspectiva que esses espaços ao longo do tempo irão ser utilizados como meios educacionais utilizando-se dos objetos materiais que compõe o acervo fazendo leituras do passado que influirá diversas significações. Percebe-se aqui, os museus como espaços em constante resignificação, justamente por serem agentes democráticos dessas múltiplas possibilidades de acesso à construção histórica.

O que faz com que quebre o estereótipo do ditado popular que “museu é lugar de coisa velha”, ao passo que a produção de saberes é constantemente renovada, proporcionando ao visitante que a cada exposição possa influir novos significados e abordagens sobre o conhecimento histórico.

Nesse sentido, faz-se necessário perceber que cada museu exerce um papel essencial na sociedade no qual ele está inserido, e como a sociedade o qual ele está inserido o molda. É inegável a importância positiva de espaços como os dos museus na sociedade, pois possibilitam a preservação da memória coletiva, reafirmando as tradições e os conhecimentos locais, gerando no público um sentimento de pertencimento, ao passo que tem como atribuição intrínseca a função de preservar a história.

Contudo, deve ser levado em consideração que ao construir os acervos há uma seleção dos objetos que irão contar a história, muitas vezes esses objetos elevam uma memória de um determinado grupo, em detrimento de outro, na medida em que seleciona aquilo que deve resguardar e preservar. Esses espaços se tornam locais de disputas de poder sobre a memória e as narrativas do passado.

²² MENESES, U. T. B. **Do Teatro da Memória ao Laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico**. In: Anais do Museu Paulista, São Paulo, v. 2, p. 9-42, jan./dez. 1994.

Com o Museu Ozildo Albano não é diferente, sobretudo por se tratar de um museu de acervo particular, nesse espaço de memórias da cidade de Picos percebe-se a construção do seu acervo, buscando consolidar uma historiografia tradicional local. Muitas das peças que se fazem presentes nos espaços expositivos, narram as histórias das memórias das famílias tradicionais da cidade, que na tentativa de preservar traços do passado, doaram peças de sua propriedade para compor o acervo do museu, como também a manutenção da história oficial do município.

O que busco levar em consideração nesse trabalho é mostrar que a construção de espaços como o do Museu Ozildo Albano é intencional, desde a sua gestação até sua consolidação, no sentido de que ele foi criado com a finalidade de preservar a história da cidade de Picos numa perspectiva micropolítica como também numa perspectiva espacial maior, a história do Piauí. Isso se é perceptível no próprio nome do museu que é em homenagem ao seu fundador, pois o mesmo era uma pessoa influente na sociedade picoense.

Mas, convém ressaltar que o museu possui centenas de peças em seu acervo, que variam em diversos temas e muitas dessas peças, também foram doadas por pessoas comuns. E depois, em suas exposições busca-se sempre a pluralidade dos mais diversos sujeitos culturais.

Nessa perspectiva, entende-se que a exposição museológica não pode ser interpretada por aquele que o ver, como uma simples ilustração da narrativa histórica verdadeira, pronta e acabada, mas sim como uma possibilidade de leitura do passado histórico, pois os objetos expostos nesses espaços são previamente selecionados e ordenados, de tal forma a dar ao visitante a viabilidade de entender a narrativa histórica que lhe é contada a partir das peças do acervo.

Cabe a cada visitante conhecer o que lhe é apresentado e com base nisso dar-lhe sentido a suas experiências, que também pode ocorrer pelo sentimento da não representação, quando não conseguimos enxergar nesses espaços elementos que represente determinado grupo social. Igualmente, o propósito da exposição museológica é que o conhecimento seja construído tendo como base a problematização dos objetos expostos, utilizando-os como fontes históricas. Proposta que lança desafios, contribuindo diretamente para o desenvolvimento de um ensino crítico e reflexivo através do levantamento de questionamentos e de hipóteses.

Sob esse ponto de vista, pensar nos museus como espaço pedagógico para a ensino de história é saber relacionar os saberes dos alunos, produzidos por suas vivências com o saber histórico-científico. Como afirma Paulo Freire (1997), é preciso que o professor e a escola se deem conta da importância do conhecimento prévio dos alunos, adquiridos pelas experiências do cotidiano.

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo das classes mais populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária- mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos.²³

Dessa mesma forma a utilização de visitação aos museus, através do turismo pedagógico, o ato de levar a sala de aula para outros espaços, fugindo a  tica de uma educa o estanque meramente conteudista convencional, promove aos alunos a inser o do sentimento de pertencimento a comunidade ao qual ele faz parte e o instiga conhecer aquilo que lhe   mais próximo a sua realidade.

Esses conceitos explicam algo do caráter do processo inclusivo, que propõe uma abertura para a maior participa o dos alunos nas defini es do currículo, e busca fortalecer o sentimento de pertencimento   comunidade escolar e social, em especial o seu entorno, reconhecendo que a inclusão vai além de atender os alunos com necessidades educacionais especiais, e tem como pressuposto a melhoria das práticas educativas para todos os alunos.

Podemos pensar aqui também em levantarmos outras questões: que narrativa histórica o museu Ozildo Albano constrói, de que maneira a sele o dessa memória que se deseja preserva? Quem são as pessoas envolvidas nesse processo de constru o memorial? E como são representadas no museu Ozildo Albano? Essas são umas das várias perguntas que podem ser levantadas durante uma aula, como um recurso pedagógico que estimule o pensamento crítico e reflexivo do aluno.

As peças que compõe o acervo do museu Ozildo Albano, s  estão nessa condi o de acervo, por se tratar de um museu particular, sobretudo familiar. A família Albano, a partir de Ozildo Albano, assume para si a missão de resguardar esses objetos preservando-lhes para a posteridade. Então, a preserva o desse

²³ FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários   prática educativa**. 25 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 15.

acervo só é possível pela ideia de que o ato de deixar o objeto no museu é deixar sobre a tutela de uma família, partindo da noção que a instituição familiar é aquela responsável por acolher e cuidar com zelo.

Esta característica do museu Ozildo Albano, faz com que a construção do seu acervo, seja um tanto peculiar, porque não é a ideia de o que compõe o acervo, sejam objetos residuais deixados pela cultura material humana, mas objetos que possuem significados e precisam dos cuidados de outra família.

Esses objetos da cultura material humana que compõe os acervos dos museus, na maioria das vezes não são construídos para servir como fonte histórica ou objeto de vislumbre das gerações futuras de como se vivia no passado, mas sim são meros objetos do cotidiano que no momento se constituem enquanto peças de museu, deixam de ter o seu significado primário, para se ressignificar conferindo-lhes novos valores de documentos/monumentos históricos.

No entanto, qualquer objeto pode funcionar como documento e mesmo o documento de nascença pode fornecer informações jamais previstas em sua programação. Se, ao invés de usar uma caneta para escrever, lhe são colocadas questões sobre o que seus atributos informam relativamente à sua matéria-prima e respectivo processamento, à tecnologia e condições sociais de fabricação, forma, função, significação, etc. - este objeto utilitário está sendo empregado como documento. (Observa-se, pois, que o documento sempre se define em relação a um terceiro, externo a seu contexto original).²⁴

Convém ressaltar que os objetos expostos nos museus, por si só não possuem sentidos intrínsecos a eles, mas é o olhar de quem o vê e o conhecimento científico metodológico, que possibilita que este acervo seja tido como documento que irá servir como fonte. Além disso, esse processo não ocorre como se o objeto estivesse pronto para falar, mas é a fala do pesquisador que irá dá sentido as peças expostas.

Nesse cenário é que se constitui o museu Ozildo Albano, com seu acervo extremamente variado, surgido da necessidade de se ter uma instituição que fosse responsável por resguardar objetos do cotidiano das famílias da cidade de Picos – PI, com isso é comum que ao visitar o espaço do museu, vejamos inúmeros objetos que remetem a religiosidade particular, aos utensílios domésticos, como também a pecuária e a música, entre outros.

²⁴ MENESES, U. T. B. **Do Teatro da Memória ao Laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico**. In: Anais do Museu Paulista, São Paulo, v. 2, p. 9-42, jan./dez. 1994.

O potencial educativo nos museus torna-se uma forte ferramenta didática no processo de ensino e aprendizagem quando foge das amarras do tradicionalismo, isto é, quando feito através de problematizações, no intuito de analisar esse espaço relacionando com o contexto atual da realidade próxima dos alunos. Propondo uma historicidade dos objetos ali expostos, e principalmente avaliando a que memória está sendo preservada naquele ambiente, bem como, até onde essa memória representa o local em que o museu está inserido. Com isso, o aperfeiçoamento das atividades educativas no museu, surge como instrumento capaz de intensificar o conhecimento, possibilitando uma compreensão complexa sobre os processos históricos e as relações dos objetos com o homem e o tempo.

2.2. O museu Ozildo Albano: estudo interdisciplinar do meio e a Educação Patrimonial

Uma das possibilidades que fogem do tradicionalismo metodológico do ensino e inovam como recurso didático, é o uso da interdisciplinaridade, podemos juntar várias áreas do saber e construir um conhecimento em que a história converse com outras disciplinas, por exemplo, com a arte em exposições folclóricas, com a geografia com os espaços e o estudo do meio, isso pode ser feito desde que haja uma historicidade acerca do objeto que está sendo analisado. E é justamente como o estudo do meio que passaremos analisar a relação desses com a história, pois “todo meio é histórico e representa para os professores de História, noção fundamental e determinante nas escolhas dos espaços para o estudo do meio”.²⁵

O importante é saber explorar historicamente qualquer “lugar”, fazer um direcionamento do “olhar” do aluno, levando-o a entender o que são fontes históricas não escritas: as construções, os telhados das casas, o planejamento urbano, as plantações, os instrumentos de trabalho, as informações obtidas pela memória oral de pessoas comuns. As marcas do passado são as fontes históricas que se transformam em material de estudo.²⁶

Há várias maneiras de se estudar o meio, seja na rua, através das construções urbanas, edifícios, casas, entre outras. Nesse trabalho pensamos o museu Ozildo Albano como um estudo do meio e patrimônio histórico. Analisando como esse espaço serve de ferramenta para o estudo da Educação Patrimonial²⁷,

²⁵ BITTENCOURT, Circe. **Ensino de História**: Fundamentos e métodos. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

²⁶ BITTENCOURT, Circe, OP, cit, p,280. 2009.

²⁷ Atualmente, a CEDUC defende que a Educação Patrimonial constitui-se de todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o Patrimônio Cultural, apropriado socialmente

assim, auxiliando para a conscientização da sociedade picoense sobre o patrimônio cultural. Entretanto, é importante que essa educação patrimonial através do museu seja feita de forma reflexiva e crítica sobre a própria constituição do patrimônio, no sentido de alertar que a construção patrimonial de um espaço pode atender ou sustentar a hegemonia de determinados grupos sociais. Pois a construção de um espaço de memória é resultado de um jogo de disputas e seleções, onde nesse processo seletivo tende a manter uma hegemonia da memória, em que algum grupo será silenciado enquanto outros grupos sociais dominantes serão lembrados como uma memória coletiva.

Quando se fala sobre construir ou efetivar uma memória, podemos pensar essa como um espaço de conflitos, pois essa “serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementaridade, mas também as oposições irreduzíveis”²⁸. Diante disso, não é possível, assim, falar em patrimônio ou memória coletiva sem pensar em alguma relação de poder. Não no sentido capital, mas sim nos diferentes campos ou universos sociais, onde há memória.

Estudar as memórias fortemente constituídas, como a memória nacional, implica preliminarmente a análise de sua função. A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvar, se integra como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementaridade, mas também as oposições irreduzíveis.²⁹

Quando falamos de patrimônio, essa discussão é fundamental para refletirmos sobre como os variados grupos se adequam de sua herança cultural, e como esses são entrelaçados por jogos de disputas e relações de poder em volta desse processo seletivo dos patrimônios, e a construção de uma memória coletiva.

como recurso para a compreensão sócio-histórica das referências culturais em todas as suas manifestações, a fim de colaborar para seu reconhecimento, sua valorização e preservação. Considera, ainda, que os processos educativos devem primar pela construção coletiva e democrática do conhecimento, por meio do diálogo permanente entre os agentes culturais e sociais e pela participação efetiva das comunidades detentoras e produtoras das referências culturais, onde convivem diversas noções de Patrimônio Cultural. (Ver; FLORÊNCIO, p. 19. 2014)

²⁸ POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. Disponível em: http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf. Último acesso: 22/out/2019.

²⁹ POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. Disponível em: http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf. Último acesso: 22/out/2019.

“A educação patrimonial é pensada a partir de um patrimônio cultural já eleito, “fetichizado”, cabendo ao aluno aceitá-lo e preservá-lo, mesmo que não se identifique com esse patrimônio nem se reconheça nele”³⁰. Isso implica dizer que a questão patrimonial é um campo de conflitos, no qual as práticas educativas devem considerar a sua dimensão política e as redes de poderes, avaliando que à construção da memória e o esquecimento são produtos sociais estabelecidos por interesses e jogos de disputas.

O campo do patrimônio, como sabemos, é um campo de conflitos e de construção social e, ao adentrar nele, não se pode ser ingênuo. Por isso, a educação patrimonial, para que possa ser efetiva, implica ir além do conhecer para preservar; é necessário que se propicie a reflexão crítica. E, a partir dessa reflexão, buscar a transformação da realidade.³¹

Desenvolver a educação patrimonial no museu é antes de tudo, refletir sobre esse como um espaço seletivo da memória, no sentido do professor não atuar de uma forma passiva em relação a este patrimônio como algo “fetichizado”, que já vem pronto e acabado na sociedade picoense. É necessário compreender de maneira crítica, o museu como um patrimônio e não somente de forma contemplativa. Logo, o educador patrimonial, deve criar possibilidades para que o aluno perceba que aquele patrimônio é resultado de diferentes produtos sociais.

O patrimônio cultural, concebido como um elemento social inserido nos espaços de vida dos sujeitos, que dele se apropriam, deve ser tratado, nas práticas educativas, levando em conta a sua dimensão social, política e simbólica. Isso implica dizer que, nas ações educativas, o patrimônio cultural não pode ser tratado como pré-concebido, em que seu valor é dado a priori, cabendo ao indivíduo aceitar essa valoração e reconhecê-lo como parte de sua herança cultural. Além disso, nas práticas educativas que se pretendem dialógicas e democráticas, o patrimônio cultural concebido como um elemento social implica reconhecer o jogo de forças existentes no seu processo seletivo e até mesmo de sua apropriação, em que estão imbricados os conflitos e as divergências na permanente luta entre a memória e o esquecimento.³²

2.3. O museu: um lugar de memórias

Na construção da memória, partindo da respectiva de enquadrá-la como um campo de disputas para a consolidação da mesma, percebemos que há entraves no sentido de que cada memória historicamente construída é resultado também de silenciamentos. Tal jogo, feito através de uma seleção constroem espaços de

³⁰ TOLENTINO, Átila. **O que não é educação patrimonial: cinco falácias sobre seu conceito e sua prática.**

³¹ TOLENTINO, Átila. Op. cit. p-46.

³² TOLENTINO, Átila. Op. cit. p-47.

memórias, determina quais memórias irão se sobrepor as outras. Diante disso, uma pergunta que nos guiará nesse tópico será em problematizar essa noção dos lugares de memória, o que faz um lugar se constituir como um lugar de memória? E que memória está sendo revelada? O nosso objeto de estudo então entra nessa problemática, de pensar esse como um lugar de memória.

A curiosidade pelo os lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento particular da nossa história. Momento de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento deserta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação. O sentimento de continuidade torna-se residual aos locais. Há locais de memória porque não há mais meios de memórias.³³

Os lugares de memória surgem, portanto, a partir da necessidade de torná-la concreta, de fazer com que essa saia do sensível e consiga se enraizar em algo que lhe assegure uma estabilidade e duração, a memória se torna viva nas manifestações, mas se fortalece nos lugares que a constitui como memória. “Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memórias espontâneas, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações [...], porque essas operações não são naturais”³⁴. São nesses lugares de memória no concreto que essas memórias se fortalecem e mantêm construídos os seus significados. A memória então “se enraíza em algo concreto, no espaço, no gesto, na imagem no objeto”³⁵. E para que a mesma não se perca, é necessária a materialização da memória e a construção dos significados dessa, a partir de um lugar de memória, no caso desse estudo; o museu Ozildo Albano. “O que chamamos de memória é, de fato, a constituição gigantesca e vertiginosa do estoque material daquilo que nos é impossível de lembrar, repertório insondável daquilo que poderíamos ter necessidade de lembrar”. Para que não caia totalmente no esquecimento, são construídos esses lugares de memória.

A passagem da memória para a história obrigou cada grupo a redefinir sua identidade pela revitalização de sua própria história. O dever de memória

³³ NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. São Paulo: PUC/SP, n.10, 1993. Disponível em: <http://www.pgedf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf>. Último acesso em: 20/ out/ 2019.

³⁴ NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. São Paulo: PUC/SP, n.10, 1993. Disponível em: <http://www.pgedf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf>. Último acesso em: 20/ out/ 2019.

³⁵ ³⁵ NORA, Pierre, Op Cit., p. 09.

faz de cada um o historiador de si mesmo. O imperativo da história ultrapassou muito, assim, o círculo dos historiadores profissionais. Não somente os antigos marginalizados da história oficial que são obcecados pela necessidade de recuperar seu passado enterrado. Todos os corpos constituídos, intelectuais ou não, sábios ou não, apesar das etnias e das minorias sociais, sentem a necessidade de ir em busca de sua própria constituição, de encontrar suas origens.³⁶

Esses são possibilitados pela característica da preservação. As experiências proporcionadas pela relação com objetos residuais deixadas pelo homem ao longo do tempo, por uma cultura material que tem como necessidade o desejo de não se esquecer, e não ser esquecido, como também a de esquecer e apagar, no sentido de que a mesma necessidade humana que tem na evocação das memórias tidas como boas é a mesma quanto à sobreposição de memórias não tão boas, que devem ser esquecidas. Desse modo, são lugares de memórias aqueles que expressam o mecanismo simbólico e o material.

Os lugares de memória surgem, portanto, do sentimento em que não há memória espontânea, em que é necessário criar arquivos, pois essas operações que envolvem construção de memórias não são naturais, são, portanto, o resultado dos diferentes processos de seleção. É nesse momento que analisamos esses espaços, como lugares de constituição de privilegiados, e de legitimação da memória de um grupo. O museu, assim se configura como um espaço de memória. Um espaço que mantém uma memória, e em alguns casos essa memória compromete em materializar os vestígios deixados pelo o homem e construírem uma memória material acerca do passado.

[...] Ao lidarmos com a memória como campo de disputas e instrumento de poder, ao explorarmos modos como memória e história se cruzam e interagem nas problemáticas sociais sobre as quais nos debruçamos, vamos observando como memórias se instituem e circulam, como são apropriadas se transformam na experiência social vivida. No exercício da investigação histórica por meio do diálogo com pessoas, observamos, de maneira especial, modos como lidam com o passado e como este continua a interpelar o presente enquanto valores e referências. Trabalhar nessa direção nos coloca diante da problemática do sujeito e da consciência social na história, levando-nos a retomar e ampliar leituras e a aprofundar as pesquisas e reflexões, sempre dentro da perspectiva de construir um conhecimento histórico que incorpore toda a experiência humana e no qual todos possam se reconhecer como sujeitos sociais³⁷. (KHOURY, 2004, p. 118)

³⁶ NORA, Pierre, Op Cit., p. 17.

³⁷ KHOURY. Yara Aun. **MUITAS MEMÓRIAS, OUTRAS HISTÓRIAS: cultura e o sujeito na história.** In _____ **Muitas memórias, outras histórias.** São Paulo-SP: Editora Olho d'Água, 2000.p, 116-139

Neste sentido, dentro da dimensão política, parte do princípio em manter os interesses de grupos e classes sociais, com o objetivo de preservar e construir identidades, pertencimentos. Diante de tal fato, as memórias individuais sofrem um processo de legitimação de uma memória coletiva dominante; as memórias oficiais que na maioria das vezes estão enraizadas nos espaços de relações de poder que foram construídos historicamente, geralmente esses espaços legitimam uma memória nacional, é o caso dos museus, datas e das festividades nacionais, reafirmam assim, uma memória oficial. Ou seja, uma memória nacional que “por meio de datas oficialmente selecionadas para as festas nacionais”³⁸. Desse modo, “A memória organizadíssima, que é a memória nacional, constitui um objeto de disputa importante, e são comuns os conflitos para determinar que datas e que acontecimentos vão ser gravados na memória de um povo”³⁹.

Diante disso, as memórias coletivas Segundo Pollak (1989), alcançam uma dimensão social, onde são passadas pelos os indivíduos de maneira parcial, cada indivíduo traz consigo as suas lembranças que se formam através de elementos que concedem ordem às suas representações. O estabelecimento das memórias são experiências vividas, mas também, passadas pelo os dispositivos de memória, são esses; monumentos, museus e festividades, esses elementos juntamente com o sistema de socialização dos indivíduos formam o que chamamos de memórias coletivas.

Estabelecer as memórias como resultado de uma construção social, uma reformulação acerca do passado, percebemos que essas passam a serem alvos dos interesses e preocupações de grupos e classes no presente, pois a mesma é multável e possibilita uma nova visão do fato. Diante disso, se faz importante compreender o caráter individual ao analisar as memórias que são tidas como coletivas, e através disso, construir relações nos espaços de micro e macro da vida social. Desse modo podemos construir uma memória mais complexa, no momento em que colocamos para conversar as memórias coletivas com as individuais.

A memória nessa perspectiva é um campo de conflitos e jogos de disputas entre as memórias coletivas e as individuais. Em que a primeira desempenha uma função nas de exaltação de datas, acontecimentos, personagens e celebrações, em

³⁸ POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. Disponível em: http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf.
Último acesso: 03/out/2019

³⁹ POLLAK, Michael. Op, cit. p-4

que tem como seu objetivo enaltecer o passado de um grupo. As memórias coletivas ocupam espaços de poder que ajudam na sua legitimação, atingindo sua dimensão social que são repassadas por gerações, contribuindo fortemente na construção das recordações dos grupos. Desse modo, as memórias individuais sofrem uma dominação da memória coletiva, sendo submetida aos quadros sócias da memória.

Estudar as memórias coletivas fortemente constituídas, como a memória nacional, implica preliminarmente a análise de sua função. A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis. Manter a coesão interna e defender as fronteiras daquilo que um grupo tem em comum, em que se inclui o território (no caso de Estados), eis as duas funções essenciais da memória comum.⁴⁰

Logo, esse enquadramento dessa memória coletiva, ou a institucionalização de uma memória oficial tem suas fronteiras, onde permite espaços para contestação de outras memórias; as marginalizadas, que partem com essas noções constituídas, “[...] uma vez que as memórias subterrâneas conseguem invadir o espaço público, reivindicações múltiplas e dificilmente previsíveis se acoplam a essa disputa da memória, no caso, as reivindicações das diferentes nacionalidades”.⁴¹

Portanto, a construção de uma memória e a sua institucionalização através dos lugares de memória pode ser entendida como uma alusão ao passado, e também um espaço de conflitos na sua própria constituição, no mesmo tempo em que as memórias coletivas e individuais podem se completar, podem também se oporem. Além disso, o estabelecimento de uma memória sob outra pode servir “para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis”.⁴²

⁴⁰ POLLAK, Michael. Op, cit. p-7.

⁴¹ Ibidem. p, 4.

⁴² ibidem, p, 9.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar o Museu Ozildo Albano durante 2 anos, bem como estar inserido no seu cotidiano, possibilitou que pudesse chegar há algumas conclusões. A primeira delas é da importância do trabalho realizado pela instituição com as escolas de ensino fundamental e médio. Outro ponto é da utilização do acervo como objeto de estudo para alunos das instituições de ensino superior. E por fim, do papel social educativo para com a população em geral.

Desde a sua fundação até os dias atuais, o Museu Ozildo Albano, outrora, Museu- Biblioteca Capitão- Mor João Gomes Caminha, vem prestando serviço à sociedade picoense, no trabalho de salvaguarda dos objetos que possibilitam contar história dos habitantes dessa localidade. Atuando de forma significativa no desenvolvimento de atividades que visam à educação de todas as faixas etárias, mas de modo especial aos alunos da educação básica, tendo em vista, que são eles que mais procuram o Museu para a realização de aulas extraescolares.

Durante todo o ano, a instituição recebe em sua sede, inúmeras escolas da Rede Municipal e da Rede Estadual de ensino que buscam o museu, visando romper com a educação tradicional das quatro paredes da sala de aula. O museu se torna um espaço em que o alunos podem ver, ouvir e sentir o conteúdo histórico, fazendo com que eles absorvam e reflitam sobre as experiências de se visitar o museu.

Se firmando assim como um espaço produtor de conhecimento crítico e analítico, possibilitando ao visitante/estudante empreender a sua própria narrativa histórica através da disposição do acervo, mesmo esse não sendo neutro, pois toda exposição possui uma narrativa que direciona o olhar do visitante a determinado ponto.

Outra vertente do Museu é a utilização do seu acervo para a pesquisa acadêmica, atualmente estudantes da rede pública e privada de ensino superior, utilizam- se de fontes documentais para a escrita de trabalhos acadêmicos, assim como esse.

Outro ponto que concluí com essa pesquisa, é que para além da prestação de serviço para as instituições de ensino formal, o Museu presta um papel significativo

de conscientização e educação patrimonial para a população em geral. De modo que sempre em seus eventos, o Museu busca temas atuais e relevantes que estão sendo discutidos no momento, promovendo o debate de ideias, gerando assim mais conhecimento crítico.

Contudo, o que se pode constatar é que o museu Ozildo Albano é um espaço vivo, ativo na sociedade, que possibilita inúmeras experiências de ensino e aprendizagem para a cultura de Picos, para a cultura escolar e para a cultura acadêmica.

REFERÊNCIAS E FONTES

A) Bibliografia

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. Disponível em:

<http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf>. Último acesso: 22/out/2019.

TOLENTINO, Átila. **O que não é educação patrimonial: cinco falácias sobre seu conceito e sua prática**.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto: o museu no ensino de História**. Chapecó: Argos, 2004.

CHICARELI, Larissa Salgado. ROMEIRO, Kauana Candido. **Museu e ensino de História: pensar o museu como local de conhecimento e aprendizagem**. Revista Confluências Culturais – ISSN 2316-395X. 2014. Disponível em:

<<https://dialnet.unirioja.es › descarga › articulo>>. Acessado em 20 de nov. de 2019.

KHOURY, Yara Aun. MUITAS MEMÓRIAS, OUTRAS HISTÓRIAS: cultura e o sujeito na história. In _____ **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo-SP: Editora Olho d'Água, 2000.p, 116-139.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. São Paulo: PUC/SP, n.10, 1993. Disponível em:

<<http://www.pgedf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%20.pdf>>. Último acesso em: 20/ out/ 2019.

BITTENCOURT, Circe. **Ensino de História: Fundamentos e métodos**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

BRASIL. Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Art. 1º. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm>. Acesso em: 20 de nov. de 2019.

Caderno da Política Nacional de Educação Museal. Brasília, DF: IBRAM, 2018. p ,7.

Política nacional de museus / organização e textos, José do Nascimento Junior, Mário de Souza Chagas. – Brasília: MinC, 2007.184 p. : il. color. p, 21.

Burke Peter, **O que é História Cultural?** Trad. Sergio Goes de Paula 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2008.

IPHAN. **Educação Patrimonial**. Disponível em:

<<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/343>>. Acessado em 20 de nov. de 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

JULIÃO, Letícia, **Pesquisa Histórica no Museu**. In: Caderno de diretrizes museológicas I. Brasília: Ministério da Cultura / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ Departamento de Museus e Centros Culturais, Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura / Superintendência de Museus, 2006. 2ª edição.

SOARES, Marta. Museu Ozildo Albano receberá artefatos que contam a história da região de Picos. **Folha Atual**, Picos Piauí, 20/06/2013. Disponível em: <<http://folhaatual.com.br/site/materia/1921/>> Acessado em 20 de nov.2019

MUNDICA, Fontes. **Biografia**. museuzildoalbano, 2019. Disponível em: <<https://www.museuzildoalbano.com.br/biografia>>. Acesso em: 18 nov. de 2019.

ABREU, Larissa Rachel Ribeiro de. **Pela imortalidade dos objetos: uma proposta pedagógica para os museus de São Luís**. 2016. 119 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de História, Ensino e Narrativas, Universidade estadual do Maranhão, 2016. p 73.

MENESES, U. T. B. **Do Teatro da Memória ao Laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico**. In: Anais do Museu Paulista, São Paulo, v. 2, p. 9-42, jan./dez. 1994.

ALVES, Kerley dos Santos et al. **O turismo pedagógico na escola: agenciamentos e conexões** / colaboração: Gilson Nunes, Alessandra Almeida, Alice Silva, Eliane Silva, Emanuelle Rodrigues, Marcella Reis, Waléria Niquini – Ouro Preto: UFOP, 2012. 128p.: il.

B) Fontes Hemerográficas

(?),Mutirão quer o tombamento do grupo Coelho Rodrigues. **Jornal Gazeta Popular**, 10 de abril de 199.

(?),Museu-Biblioteca João Gomes Caminha é reconhecido como utilidade pública. **Jornal de Picos**, AnoV, N°145, Picos(PI) 12 de nov. de 1986

SOARES, Marta. Museu Ozildo Albano receberá artefatos que contam a história da região de Picos. **Folha Atual**, Picos Piauí, 20/06/2013. Disponível em: <http://folhaatual.com.br/site/materia/1921/> Acessado em 20 de nov.2019

MUNDICA, Fontes. Museu em destaque, **Jonal de Picos**, Picos Piauí, 06 de dez. de 1990.

ANEXOS

ANEXO A - Jornal Gazeta Popular 10 de abril de 1991.

GAZETA POPULAR

Quarta-feira, 10 de abril de 1991

Página 06

Mutirão quer o tombamento do grupo Coelho Rodrigues

A criação de um espaço cultural para a cidade, continua sendo uma das principais metas do grupo Mutirão e Cultura de Picos. Para tentar alcançar esse objetivo, a professora Mundica Fontes, integrante do grupo, esteve reunida com Maria Josealvares, representante da Fundação Cultural do Piauí. Josealvares também manteve contato com o escultor e artista plástico Albano Silva, tratando de assunto relacionado ao museu capitão-mor João Gomes Caminha. Com a professora Mundica Fontes, ficou acertado que será feito um trabalho com vistas ao tombamento do prédio do Grupo Escolar Coelho Rodrigues.

Conforme a professora Mundica Fontes, há muito tempo que as pessoas mais ligadas à cultura na cidade, vêm tentando preservar o conjunto arquitetônico que fica na praça Josino Ferreira. O conjunto é formado pelo prédio do Coelho Rodrigues e o da antiga Prefeitura. "O único problema que vamos enfrentar, creio que seja o de retirar o monstrengo que foi construído no centro da praça", diz Mundica. Ela se refere ao prédio que seria a Biblioteca Municipal, cuja arquitetura - se é que assim pode



Grupo Escolar Coelho Rodrigues será patrimônio histórico

ser classificada - foge completamente ao restante do conjunto. "Esse conjunto tem um valor histórico importantíssimo para a cidade de Picos. É preciso que seja tomada uma providência enquanto é tempo", apela a artista picoense.

Sobre a situação do museu, também ficou acertado que a representante da Fundação Cultural vai marcar uma audiência com o presidente do órgão, a fim de que o problema do museu seja analisado. O museu João Gomes Caminha, possui um dos maiores acervos do Piauí e consta até do Guia Nacional de Museus, tamanha é a sua importância. Mas toda essa riqueza cultural, só ainda existe graças ao esforço do professor Ozildo Albano, que enquanto viveu custeou a manutenção com os seus ven-

cimentos de juiz aposentado. Depois da morte do professor Ozildo, o seu irmão Albano Silva vem fazendo um esforço heróico para pelo menos não deixar que o museu se acabe. Quase desencantado com as promessas que já foram feitas, ele diz que ainda vai fazer uma nova tentativa junto à Fundação Cultural do Piauí, no sentido de garantir a abertura do museu ao público.

Fonte: Acervo Museu Ozildo Albano.

ANEXO B- Jornal de Picos, Ano V, Nº145, Picos (PI) 12 de nov. de 1986.

Museu-Biblioteca João Gomes Caminha é reconhecido como utilidade pública



Por fim, veio o reconhecimento oficial, àquele que é indiscutivelmente, a maior figura na preservação a nossa história, o Dr. José Albano de Macedo, conhecido popularmente por Prof. Ozildo. A Câmara Municipal de Picos, num projeto do vereador Fábio Neiva, numa sessão realizada no último dia 22, reconheceu como de utilidade pública, o Museu e Biblioteca Capitão João Gomes Caminha, que desde o ano de 1966, vem servindo aos estudantes, estudiosos e demais pessoas interessadas em conhecer a história picoense.

Esperemos, que este reconhecimento oficial, seja seguido de recursos que possibilitem dar continuidade a este trabalho incansável do professor Ozildo.

Jornal ANO V • Nº 145

de Picos

PICOS, 12 DE NOVEMBRO DE 1986

Fonte: Acervo Museu Ozildo Albano.